

A Bioenergia abre espaço para o futuro sustentável da indústria de óleo e gás

O Papel da Bionergia e da Indústria de Óleo e Gás na Transição Energética

28/mai/2021

Neste mês, a Agência Internacional da Energia (IEA) publicou um amplo estudo sobre os caminhos para a eliminação das emissões de carbono em 2050 (Net Zero by 2050: A Roadmap for the Global Energy Sector). No estudo, são apontadas como condições necessárias, entre outras, a pesquisa e o financiamento de energias renováveis e o aumento da eficiência energética.

Nesses dois pontos, **a indústria de óleo e gás pode assegurar a sua relevância tanto por meio da sua capacidade de investimento como pela diversificação de seu portfólio**. Assim, por exemplo, têm crescido aceleradamente os investimentos das petroleiras nas energias solar e eólica bem como no desenvolvimento de tecnologias de CCUS (captura, armazenamento e uso de carbono).

No mesmo sentido, destaca-se também o OGCI (Oil & Gas Climate Chance Initiative), compromisso assinado por de 12 grandes empresas, responsáveis por 30% da produção global de óleo e gás, que busca acelerar as respostas aos desafios da transição energética.

No Brasil, a transição é beneficiada pelas oportunidades e pela importância que a bioenergia já tem na matriz nacional. Graças a isso, **a gasolina brasileira (com 27% de etanol na sua composição) é uma das que menos emite gases de efeito estufa (GEEs) no mundo**. Outros países tendem a seguir o modelo brasileiro de mistura de bios nos combustíveis tradicionais. Dessa forma, o etanol é um dos garantidores da longevidade da gasolina brasileira. De maneira semelhante, as reservas de gás natural do país podem se aproveitar da baixa intensidade de carbono do biogás e do biometano enquanto, por outro lado, o potencial do biogás pode-se desenvolver apoiado pelos investimentos em infraestrutura do gás natural.

Por isso, o Brasil tem uma agenda para a Transição Energética que não necessariamente é igual à da

Europa. **Considerando o parque hidrelétrico nacional e o peso dos biocombustíveis, o Brasil já vem, há décadas, realizando a sua transição. O conhecimento adquirido nesse processo abre oportunidades.**

O etanol a partir da cana de açúcar é reconhecido pelos mercados mais exigentes como um biocombustível avançado, isto é, com baixa pegada de carbono. A redução do uso de combustíveis fósseis passa pelo aumento da participação dos bios, principalmente nos países mais pobres, com poucos recursos para construção da infraestrutura necessária à eletrificação da frota. Nesses casos, pode se mostrar mais eficiente a opção pelos veículos híbridos.

Além disso, novos produtos e novos mercados serão desenvolvidos, como os bicombustíveis de segunda geração e aeronáuticos. Até novas rotas, como a do hidrogênio, devem estimular a produção de etanol que pode servir como veículo para transportar o H₂. A exportação de máquinas e equipamentos para a cadeia de produção dos bios é outra oportunidade a ser explorada.

Entre os avanços já realizados para aproveitar essas oportunidades, destaca-se o programa RenovaBio. Em 2020, foram negociados na B3 15 milhões de CBIOS (créditos de descarbonização) que movimentaram aproximadamente R\$ 650 milhões. Mesmo os questionamentos judiciais ao programa não se opuseram aos seus elementos estruturais como a certificação e o lastro no carbono evitado. Com isso, o processo de certificação, pela ANP e firmas inspetoras, torna-se um ativo valioso. No futuro e com alguns ajustes, **o C BIO pode captar uma parte dos recursos que hoje são utilizados na compra do crédito de carbono europeu.**